



Português como Língua Estrangeira – Papel de Fundo para a Análise da Construção Identitária de Imigrantes Venezuelanos

Rouse Karoline Coelho Duarte Santos¹

rousekaroline@yahoo.com.br

Maria D' Ajuda Alomba Ribeiro²

profdajuda@gmail.com

RESUMO:

Com a crise na Venezuela, milhares de venezuelanos migraram para outras regiões, inclusive para o estado de Roraima. Dessa forma, cresceu a procura pela aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua. Perante essa situação, surge o interesse de conhecer esse imigrante que sai do seu país e faz total imersão em outra língua e outra cultura. Nesse sentido, este artigo pretende compreender como o processo de ensino de PLE/PLAc contribui para a construção identitária e a integração dos imigrantes venezuelanos na sociedade roraimense. O estudo é voltado aos três pilares que constituem o sujeito: língua, cultura e identidade, de modo a contribuir na compreensão acerca de aspectos importantes que caracterizam o indivíduo como sujeito na sociedade. Esta pesquisa é descritiva, com abordagem qualitativa de natureza etnográfica. Foi realizado um estudo por meio de pesquisas bibliográficas, no qual utilizam-se conceitos e ideias de autores como Silva (2000), Woodward (2000), Hall (2005) e Escarpinete (2012).

PALAVRA-CHAVE:

PLE;
Imigrante;
Língua;
Cultura;
Identidade.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Roraima (2021). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Roraima. Professora de Ensino Fundamental e Ensino Médio da rede municipal e da rede estadual de ensino de Boa Vista/RR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3319-4273>

² Professora Emérita da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), atuante no Programa Unificado de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Professora visitante (PVNS/CAPES) da Universidade Federal de Roraima – UFRR. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Alcalá, Departamento de Filologia (2005). Graduada em Letras (1986) e em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1993). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9183-9076>

1 Introdução

Com a intensificação da crise econômica e social na Venezuela, cresceu o fluxo de cidadãos venezuelanos para o Brasil. Muitos imigrantes se concentram no estado de Roraima³. Diante dos acontecimentos, houve um crescimento, por parte dos imigrantes, na busca por aprender a língua portuguesa como segunda língua. Perante essa situação, surge o interesse em conhecer melhor esse sujeito, que sai de seu país de origem e faz imersão em outra cultura, outros costumes, outra língua, de modo a saber como ele se percebe, que identidade assume diante desse quadro e como seria esse processo de construção, negação ou mesmo reconstrução identitária.

Nesse cenário, a língua se torna uma ferramenta pela qual podemos perceber diferenças, não só linguísticas, mas também culturais. De acordo com Woodward (2000), é por essas diferenças que as identidades pessoais e culturais se formam. E, ainda, que a migração⁴ está associada à constituição de identidades plurais que por vezes são contestadas e desestabilizadoras em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades.

Nesse contexto de mudança social, os nossos imigrantes venezuelanos, ao aprenderem a língua portuguesa – e não somente a língua em si, mas também as questões culturais que a ela são inerentes, como será mostrado posteriormente –, precisam estar conscientes do poder que os saberes linguísticos-culturais têm de nos constituir e de construir a realidade, contribuindo na formação, construção e (re)construção da identidade.

Esta pesquisa visa a conhecer sujeitos falantes da língua espanhola que adquirem o português como segunda língua, buscar respostas sobre o outro, seu contexto social, seus costumes, sua cultura, sua linguagem, seu comportamento linguístico. Dessa forma, este artigo propõe um olhar investigativo sobre como o ensino de PLE/PLAc contribui para a integração da comunidade imigrante venezuelana na sociedade roraimense.

³ Fonte: SOUSA, Rafaela. Imigração venezuelana para o Brasil. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/brasil/imigracao-venezuelana-para-brasil.htm>>. Acesso em 16/01/2021.

⁴ Nesta pesquisa usamos dois termos - migração e imigrante. Woodward (2000) utiliza o termo migração, que, conforme o Dicionário Online de Português, é o processo de entrada (imigração) e de saída (emigração) de uma pessoa ou de um grupo de pessoas que se muda de país para outro ou de uma região para outra. Entretanto, neste trabalho, ressaltaremos o termo imigrante por considerá-lo foco da pesquisa. Segundo o mesmo Dicionário Online de Português, imigrante é a pessoa que habita e possui residência fixa (legal ou ilegal) num país estrangeiro.

Dessa forma, este trabalho traz uma breve discussão sobre migração envolvendo os termos imigrante e refugiado, logo após apresentamos algumas considerações sobre o ensino de português como língua estrangeira (PLE) e português como língua de acolhimento (PLAc). Em seguida, uma análise sobre língua, cultura e identidade, conceitos que se entrelaçam e facilitam o entendimento sobre esse amplo universo da identidade. Finalizamos com explanação sobre a construção identitária dos imigrantes venezuelanos, em que apresentamos a análise dos dados e os resultados da pesquisa.

2 Migração: imigrantes e refugiados

Na tentativa de entender o imigrante venezuelano, consideramos relevante esclarecer alguns termos envolvidos nesse atual cenário de deslocamento social. Segundo a Organização Internacional para as Migrações – OIM (2009), migração é um processo em que as pessoas atravessam uma fronteira internacional, sem levar em conta a extensão percorrida, a composição do grupo de pessoas ou as causas desse deslocamento. Já em relação aos refugiados, Cortes (2004) afirma que são pessoas que saem de seu país de origem por motivos de guerra ou perseguição e, por isso, é improvável que voltem ao seu país. E os imigrantes são aqueles que deixam seu país por escolha, com a finalidade de se estabelecer em outro lugar, seja de forma temporária ou permanente, com o objetivo de conseguir melhores condições de vida. Porém, existe a imigração de crise, ou migração forçada, que não é voluntária. Segundo a agência da ONU, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados - ACNUR, a legislação brasileira reconhece como refugiados⁵ todas as pessoas que buscam segurança diante de situações de grave e generalizada violação de direitos humanos.

Ainda sobre refugiado, Sousa (2017) afirma que, no âmbito da Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados (1951), o refúgio passou a ser o termo usado para definir o *status* jurídico da pessoa que busca proteção além das fronteiras do Estado de sua nacionalidade, em razão de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Ou seja, essa é uma categoria específica para aqueles que encontram em seu lugar de origem um risco de vida. Nem todo imigrante é refugiado, porém em ambos há um rompimento de laços sociais, familiares e

⁵ Fonte: Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/legislacao/#:~:text=Para%20al%C3%A9m%20do%20conceito%20estabelecido,generalizada%20viola%C3%A7%C3%A3o%20de%20direitos%20humanos>. Acesso em: 05/04/2021.

culturais. Atualmente, o maior êxodo da América Latina é o fluxo de refugiados e imigrantes vindos da Venezuela. Segundo a ONU (2021), mais de cinco milhões de pessoas⁶ deixaram seu país.

O autor Sayad (1998) nos acrescenta o termo estrangeiro e o diferencia do termo imigrante. Sayad (1998, p. 243) destaca que “estrangeiro é uma definição jurídica de ‘um estatuto’ – refere-se àquele que está apenas de passagem; imigrante é antes de tudo uma condição social” – aquele que se instalou, mesmo que provisoriamente. Em outras palavras, todo imigrante é estrangeiro, mas nem todo estrangeiro é imigrante.

É importante destacarmos que a responsabilidade pela proteção e integração de imigrantes e refugiados presentes em nosso território é primariamente do Estado brasileiro. E integrar⁷ significa adaptar alguém ou a si mesmo a um grupo, fazer com que esse se sinta como um membro natural desse grupo. Para que isso aconteça, a legislação brasileira estabelece que esses novos integrantes da sociedade podem obter documentos, trabalhar, estudar e exercer os mesmos direitos civis que qualquer cidadão estrangeiro em situação regular no Brasil. Nesse sentido, temos a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980⁸, que trata do Estatuto do Estrangeiro, a legislação que regulamenta a migração no país. Porém, em 2017, foi aprovada a nova Lei de Migração, nº 13.445/2017,⁹ que dispõe acerca do movimento migratório como um direito humano e garante ao migrante condições de igualdade com os nacionais, além da inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade. Além disso, institui o visto temporário ao apátrida¹⁰ ou nacional de país que se encontre em situação de grave e generalizada violação de direitos humanos.

Passando às questões identitárias, vale ressaltar que o grande desafio do imigrante, estrangeiro, é a superação das diferenças culturais encontradas no país de acolhimento. Um dos pontos a serem superados é a língua, por esse motivo discutiremos na próxima seção sobre o ensino de PLE/PLAc.

⁶ Fonte: Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/08/28/brasil-reconhece-mais-77-mil-venezuelanos-como-refugiados/#:~:text=As%20autoridades%20brasileiras%20estimam%20aproximadamente%20260%20mil%20venezuelanos%20vivem%20atualmente%20no%20pa%C3%ADs.&text=O%20fluxo%20de%20refugiados%20e,deixaram%20seu%20pa%C3%ADs%20de%20origem>. Acesso em: 05/04/2021.

⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.dicio.com.br/integrar/>. Acesso em: 05/04/2021.

⁸ Fonte: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm. Acesso em: 05/04/2021.

⁹ Fonte: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 05/04/2021.

¹⁰ São pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país.

3 O ensino de português como língua estrangeira (PLE)/português como língua de acolhimento (PLAc): algumas ponderações

Não só no Brasil, mas também em outros países, tem ocorrido uma expansão no ensino e na aprendizagem do português como língua estrangeira (PLE), isto é, da aquisição do português por aqueles que não possuem essa língua como materna, podendo o ensino ser visto sob um novo ângulo, em que há a questão da imersão, ou seja, o aprendiz está inserido, vivendo no país de língua portuguesa. Entre os que mais procuram os cursos de português estão estudantes universitários, intercambistas, profissionais liberais, imigrantes e refugiados estrangeiros.

São inúmeros os fatores que geram essa demanda, dentre eles podemos destacar a globalização, sendo este um processo de integração mundial que está em constante evolução e transformação. Diante dessa realidade, grandes empresas multinacionais se instalaram em nosso país e muitos imigrantes chegaram em busca de novas oportunidades de emprego. De acordo com Rocha (2019), outras questões impulsionaram esse crescimento do ensino de PLE, por exemplo a Criação do Mercosul, 1989; as parcerias comerciais do Brasil com outros países, nesse caso com a China, e o seu reconhecimento como um dos países emergentes economicamente (BRICs); as novas tecnologias de comunicação que facilitam a interação dos sujeitos em todo o mundo e os deixam interconectados; as rupturas de fronteiras; entre outros. Moita Lopes (2013) acrescenta que os deslocamentos de sujeitos pelo mundo em um processo de desterritorialização também contribuíram para a expansão do ensino de PLE. Ressaltamos que a aprendizagem de línguas estrangeiras é caracterizada como um fator de integração social e de enriquecimento de experiências da diversidade cultural, além de ser uma forma de impulsionar a capacitação profissional e acadêmica e o respeito e a negociação das diferenças entre as línguas e culturas.

Outro fator que contribui no interesse e na necessidade de ensino e aprendizado de português é a procura pelo Certificado Brasileiro de Proficiência em português como Língua Estrangeira (Celpe-Bras), criado em 1998, estabelecido pela Portaria N° 1.350, de 25 de novembro de 2010¹¹, sendo esse o único certificado de

¹¹ Fonte: Sessão 1 do Diário Oficial da União de N° 226 de sexta-feira, 26 de novembro de 2010. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/celpebras/2010/portaria_n1350_25112010_celpeBras_transferencia_de_responsabilidade_MEC-INEP.pdf Acesso em: 10/11/2020.

proficiência em português reconhecido pelo governo brasileiro e aceito internacionalmente em empresas e instituições de ensino como comprovação de competência na língua portuguesa. O exame é aplicado semestralmente no Brasil e no exterior pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com o apoio do Ministério das Relações Exteriores. No Brasil, é obrigatório tanto em instituições universitárias, seja para ingresso em cursos de graduação e pós-graduação, quanto para profissionais estrangeiros que queiram trabalhar no país, tendo como exemplo os médicos, dos quais o Conselho Federal de Medicina exige esse certificado (ESCARPINETE, 2012).

No que tange ao sujeito que busca conhecimento nos cursos de PLE, a grande demanda por esses cursos, no Brasil, é de alunos estrangeiros que vêm para o país a trabalho ou como estudante intercambista, sendo que esses estrangeiros, na maioria das vezes, estão acompanhados de suas famílias, aumentando assim o número de estudantes. Para Ferreira e Azevedo (2016), também é clientela de PLE estudantes de cursos de pós-graduação, o que impõe aos professores uma reflexão mais aprofundada em relação aos objetivos de estudo e às condições favoráveis para a aprendizagem da língua, visto que as motivações são diferentes.

O contexto de aprendizagem é diferente, pois não se trata de estudar obras literárias clássicas, mas sim de aprender frases úteis em português para a vida cotidiana, a fim de facilitar a comunicação e a adaptação, ou seja, aprender o português é uma forma de integração no país de acolhimento.

Nessas circunstâncias, é necessário falarmos sobre o PLAc – Português como Língua de Acolhimento, que, por sua vez, insere-se na grande área de português para estrangeiros e traz uma característica peculiar: a palavra acolhimento refere-se à integração do estrangeiro na sociedade, integração esta que passa pelo ensino da língua portuguesa. O PLAc está inserido num contexto migratório, portanto seu público são os imigrantes, refugiados, portadores de visto humanitário e apátridas, cada um com suas diferentes realidades e necessidades. É um público diverso, heterogêneo, multilíngue, multicultural, multifacetado, com perfis diferentes e níveis de escolaridades diversos, bem como com maneiras distintas de aprender e com bagagens de vivências culturais diversas.

Referentes às necessidades e motivações de aprendizagem e de aquisição da língua, Grosso (2010) ressalta que esses pontos estão ligados a questões de sobrevivência, à necessidade urgente de conseguir se movimentar socialmente no novo país e, assim, suprir as necessidades básicas, como conseguir um emprego, alugar uma casa, ir ao médico, entre outras ações imprescindíveis à sobrevivência. Além disso,

Sene (2017) completa dizendo que, nesse contexto de ensino, não se pode deixar de considerar a necessidade e o desejo de ser acolhido(a) e a motivação, ou mesmo a precisão, de fazer parte da nova sociedade e de se integrar socialmente no país de acolhimento.

As autoras Barbosa e São Bernardo (2017) deixam claro que, nesse tipo de ensino, é importante haver uma mudança de posição, em que um se coloque na situação do outro. Elas enfatizam, ainda, que acolher significa abrigar, cuidar, acomodar, coletar, amparar, apoiar e que a língua como acolhimento pode desempenhar todas essas funções.

Podemos dizer que PLAc é a percepção que ocorre entre aquele que acolhe e o acolhido, por meio de relações em que se reconhece a promoção do bem-estar, a atenção, a hospitalidade, compreensão e atitudes que promovem a conscientização reflexiva e crítica. Sendo assim, a língua de acolhimento é “uma perspectiva discursiva que envolve concepções sociopolíticas por parte de quem acolhe e direciona as práticas pedagógicas a fim de adequar às novas demandas da sociedade” (EUZEBIO; REBOUÇAS; LOPES, 2018, p. 83)

Por ora, podemos afirmar que o objetivo do ensino do PLE¹²/PLAc é abrir novos horizontes culturais ao aprendiz e, assim, possibilitar uma inclusão com menos estranhamento e mais sentimento de integração. Salientamos, neste artigo, que não apresentamos concepções dos autores sobre o ensino de línguas por não se tratar do foco da pesquisa, porém apresentamos alguns pontos que envolvem o ensino de uma língua estrangeira.

4 Língua, cultura e identidade

Língua, Cultura e Identidade são os três pilares para o entendimento desta pesquisa. Essa tríplice aliança nos acompanha, enquanto seres sociais, desde o nosso nascimento. Devido à diversidade que concebe a nós, seres humanos, e à sociedade em geral, e ainda aos conhecimentos que são construídos cotidianamente, a cultura, a identidade e a língua se transformam constantemente. Desse modo, iremos discutir sobre língua(gem) sem a pretensão de definir um conceito, mas de apresentar algumas declarações para a discussão, mesmo porque nem os grandes teóricos chegaram a um consenso. Porém, convém assegurar que pensar em língua é consequentemente admitir sua estreita relação com a cultura e a identidade do sujeito, e isso faz com que

¹² Fonte: <https://www.superprof.com.br/blog/curso-de-ple/>. Acesso em: 14/07/2020.

estabeleçamos esse conceito de língua(gem), por muitas vezes atrelado ao conceito de ambos. Essa relação pode ser esclarecida se considerarmos cultura como sendo “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55), sendo esse modo de vida regido pela língua. Além disso, se compreendermos que, ao longo da vida, o indivíduo passa por constantes processos de identificação e desidentificação com aquilo que o rodeia, então percebemos que língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida, e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação.

Para Saussure (2006), a linguagem é social e individual, a língua é definida como a parte social da linguagem e só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O autor ainda afirma que a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade, dessa forma a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o “indivíduo, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE, 2006, p.22).

Mas, como já foi mencionado, a língua(gem) tem outras funções além da mera comunicação, sendo um instrumento de grande importância para a sociedade, conforme podemos perceber na fala de Kramersch (1998).

Vejamos, para Kramersch (1998, *apud* ÁLVAREZ; SANTOS, 2010, p.200), “a língua é o principal meio pelo qual conduzimos nossa vida social e, no contexto de comunicação, ela está interligada à cultura em múltiplas e complexas formas”. Ainda segundo a autora, a língua manifesta uma realidade cultural e social, sendo ela um meio pelo qual um determinado grupo compartilha vivências e conhecimentos de um mundo em comum, assim como também reflete o comportamento e o ponto de vista de cada indivíduo, pois possibilita que seus integrantes produzam experiências através dela. Por fim, é uma forma de identificação dos falantes e dos outros, marcando suas identidades sociais.

Ainda Álvarez e Santos (2010, p. 202) acrescentam sobre a língua que:

A língua reflete as características gerais de uma sociedade e é por meio dela que a cultura é transmitida; a língua não informa sobre o mundo, informa o mundo, as ideias, a convivência, os costumes e tradições de um povo. A língua como a cultura, cada vez que ao compartilhamos com os outros em nossa cultura, cada um de nós a utiliza de maneira idiossincrática, baseada no seu *background*, experiências, grupos sociais, nossos pontos de vistas e nossas identidades. Sendo a comunicação um processo cultural e linguístico, é indispensável que as pessoas envolvidas nesse processo dominem não só a língua, como também os repertórios culturais que fazem parte da sociedade, a fim de que se comuniquem de maneira profícua. (ÁLVAREZ; SANTOS, 2010, p. 202)

A partir dessa afirmação, claramente podemos constatar que a língua representa um conjunto complexo de elementos que abrange tradições, costumes, crenças, conhecimentos e outros componentes que marcam a identidade de uma sociedade. Além disso, a língua não somente reflete ou transmite características de uma sociedade, mas também cria e recria a cultura em um processo constante.

Clyne (1994), em seus estudos, fortalece a ideia de que a língua está intrinsecamente relacionada à cultura de um povo e acredita que “a linguagem é a mais profunda manifestação de cultura” (p. 35), assim como Fontes (2002) afirma que cultura é o que dá vida à linguagem. Acreditamos que a linguagem também dá vida à cultura, sendo um processo recíproco.

Reafirmando essa relação entre língua e cultura, Dalpian (1996, p. 51) argumenta que:

A língua dá acesso à cultura e, por outro lado, para aprender uma língua é preciso um mergulho cultural, a aquisição das habilidades orais e escritas, isto é, a competência comunicativa não fica assegurada apenas com o conhecimento das estruturas linguísticas (...) saudar uma pessoa, fazer um convite, pedir um favor, servir um cafezinho, pedir desculpas (...), são todas situações que se inserem profundamente num contexto cultural. (DALPIAN, 1996, p. 51)

É necessário compreender a noção de cultura que entrelaça com essa forma de entender a língua. Para Eagleton (2005), a cultura pode ser entendida como o conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de determinado grupo social. Por isso, a cultura não é resultado da ação isolada de um único indivíduo, mas de uma coletividade. Então afirmarmos que a cultura é o instrumento que permite a inserção do indivíduo na sociedade, pois ela o instrumentaliza a conviver socialmente e a adotar padrões de comportamento aceitos por sua comunidade, mas é a língua a ferramenta que o indivíduo possui para se relacionar e interagir com outros indivíduos, para ser entendido e aceito em um grupo.

Para a noção de identidade, temos a discussão de alguns autores que tratam sobre o tema, não somente sua definição, mas sua relação com a cultura e a língua(gem), já que os conceitos estão entrelaçados.

Sendo assim, para o senso comum, identidade é um conjunto de características que distinguem a pessoa, individualizando-a, tornando-a singular, ou seja, que nos torna únicos. Entretanto, essa não é a definição mais aceita pelos pesquisadores. Para eles a noção mais aceita de identidade é o conhecimento que o sujeito tem sobre ele mesmo, sobre o seu “eu”, envolvendo emoções e sentimentos.

Nesse sentido, sabemos que a sociedade passa por diversas transformações – classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, religião etc. – e que essas transformações influenciam em todos os aspectos da vida humana, principalmente nos processos identitários dos indivíduos. Tentando melhor compreender essa questão, Hall (2005) apresenta um novo conceito para tais mudanças, o de “crise de identidade” (HALL, 2005, p. 7), e explica que “(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Essa reflexão do autor tem permanecido nas discussões sobre identidade, pois essa mudança vem ocorrendo na sociedade pós-moderna e é “vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2005, p.7).

De acordo com Silva (2000, p. 89), a identidade “é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Por isso, ela não é “fixa, estável, coerente, unificada, permanente [...] tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental” (SILVA, 2000, p.97), ou seja, ela é uma “construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performático. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (SILVA, 2000, p. 97). De acordo com o autor, podemos dizer que a identidade é marcada pela instabilidade, já que tudo que está em construção é suscetível a alterações, mudanças, inclusões.

Hall (2005, 13) também mostra que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

A partir da fala do autor, entendemos que as nossas identidades passam por mudanças no decorrer da vida, de acordo com os contextos sociais que estamos inseridos, assim nossas identificações também sofrem alterações, e é por isso que não

se pode pensar em identidade “como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2005, p. 39).

Para Castells (2018, p. 55), a identidade é construída, ou seja:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos, de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 2018, p.55)

De acordo com o autor, percebemos que a identidade é construída pela trajetória de vida de cada indivíduo e é readaptável, já que está em constante ajuste com o meio social. Além disso, o autor alega que toda identidade é marcada pela diferença e que a diferença é sustentada pela exclusão: se você é uma coisa, você não é outra (WOODWARD, 2000, p. 11), isto é, as identidades se formam a partir da multiplicidade das diferenças. Logo, se sou venezuelano, deixo de lado outras identidades, como a de ser brasileiro. Sendo assim, “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2000, p. 55).

A relação entre língua, cultura e identidade é intrínseca, já que não há um conceito sem o outro, pois a língua é a manifestação de uma cultura, e a cultura só se constrói por meio da língua, e ao criar sentidos sobre algo, constrói-se identidades. Ao tratar da relação entre língua e identidade, Achard (1989) confirma que a língua trazida como critério de identidade “é tratada de uma certa maneira como a alma das nações e, independentemente de qualquer juízo de valor, procede do que os positivistas do século XIX designavam com o termo metafísica: a suposição de uma essência escondida das nações, da naturalidade dos povos e das sociedades” (ACHARD, 1989, p. 54).

De acordo com as palavras de Achard (1989), a língua é a essência do sujeito e, partindo desse pensamento e tendo em mente todas as outras definições apresentadas, podemos então certificar e compreender que a palavra é um dos meios pelos quais a cultura e a identidade se constroem e se disseminam. Ela não somente é um elemento de comunicação, mas também é elemento essencial de um povo, de uma sociedade, elemento de identidade, pois é uma característica inerente a cada indivíduo, a cada nação.

5 A construção identitária do imigrante venezuelano

Os registros utilizados neste trabalho foram retirados de nossa dissertação (SANTOS, 2021), em que realizamos uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo de natureza etnográfica. Os dados coletados para este estudo resultaram dos seguintes instrumentos: observação participante, entrevista semiestruturada, questionários (perguntas fechadas) e diários de bordo. A escolha desses instrumentos favoreceu visualizar diferentes aspectos do contexto investigado. Após a coleta dos dados e organização dos registros, a sua interpretação consistiu por meio da técnica de triangulação.

As entrevistas selecionadas, para fazerem parte do corpus desta pesquisa, foram gravadas com 10 alunos do curso de Português como Língua Estrangeira, especificamente com imigrantes venezuelanos do Instituto Federal de Roraima – IFRR, campus Boa Vista, local onde foi desenvolvido o curso, tratando-se de uma instituição pública brasileira de ensino superior, técnico-profissional e de outras modalidades de ensino, a qual, desde o segundo semestre de 2017, oferece o curso de extensão Português para Imigrantes na capital de Roraima, duas vezes na semana. Porém, devido à emergência na saúde pública e à propagação da Covid-19, as aulas foram suspensas. Seguimos com a pesquisa elegendo um grupo de dez imigrantes venezuelanos, que estavam residindo na cidade de Boa Vista e que desejavam aprender a usar a língua portuguesa de forma que pudessem se sentir acolhidos e integrados na sociedade roraimense. Desse modo, o primeiro critério de escolha dos participantes era que estes fossem imigrantes venezuelanos. O segundo critério foi selecionar aqueles que tivessem realizado o curso de Português para Estrangeiros no IFRR e tivessem mais de 18 anos de idade. Escolhemos essa faixa etária por corresponder a maiores de idade e por entendermos que, nessa idade, os alunos já possuem um pouco mais de entendimento da sua cultura e de si mesmos. Selecionamos os discentes entre os que estudaram nas últimas turmas, nas quais foi oferecido o curso, portanto alunos de 2019.

Utilizamos o instrumento de observação participante, e as observações foram realizadas durante as visitas às casas dos alunos que já haviam realizado o curso no ano de 2019, portanto quando concluído o estudo na instituição, antes da pandemia. O Instituto Federal de Roraima, através da Direx – Diretoria de Extensão, nos disponibilizou as informações necessárias para a visita, incluindo seus endereços e telefones. Com posse dos dados, foi possível realizarmos a observação durante a visita à residência dos alunos.

Para a condução das análises¹³ e discussões no presente artigo, optamos por fazer um recorte dos registros gerados por meio dos instrumentos de coleta de dados. A escolha dos recortes foi orientada por sua relevância para a discussão que desenvolvemos aqui, cujo objetivo é investigar a formação de identidade do imigrante venezuelano que estuda o PLE/PLAc oferecido no IFRR, especificamente sobre como esse aprendizado contribui e auxilia no processo de inserção social, e especialmente ouvir os sujeitos estudados na pesquisa, colocando em prática o foco deste estudo, que é pesquisar as identidades.

Portanto, a análise está dividida em duas partes, intituladas: “o meu “eu” te incomoda?” e “o que determina quem eu sou?”.

5.1 O meu “eu” te incomoda?

Nesta seção, propomos uma reflexão sobre as percepções que os sujeitos investigados tiveram da sociedade quanto a serem imigrantes venezuelanos, vivendo em um novo lugar, longe de suas origens, com diferenças culturais. Para essa análise, trazemos a contribuição de Sayad (1998) sobre o imigrante, que trabalha com o termo (e/i)migrante, pois, para o autor, antes de ser imigrante, o sujeito é emigrante de seu país. Nessa perspectiva, o imigrante é interpretado pela sociedade de acordo com o local de origem. Para o autor, o (e/i)migrante é visto sempre como mão de obra inconstante, temporária e transitória, como alguém de fora e impróprio, em que não se destacam, omitindo-os enquanto sujeitos.

Durante as entrevistas, fizemos algumas perguntas que nos levassem a possíveis percepções dos imigrantes em relação a como ele é visto pela sociedade. Esse ponto nos ajudará a compreender parte do processo da formação identitária desse sujeito. Uma das indagações foi essa: “Você já sofreu preconceito por ser venezuelano?”. Observemos algumas respostas com devidas adaptações¹⁴:

“Sim. No começo doía muito, hoje em dia, graças a Deus, não mais. Eu não sei se parou ou a gente não liga para isso, mas eu acho que parou. É, porque a gente entendeu duas coisas. A primeira, a forma de chegar dos estrangeiros aqui na cidade foi muito precipitada e a segunda é que ninguém recebe em casa alguma pessoa que não foi convidada. Fora que a gente não era convidado e

¹³ Esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética e recebeu o parecer nº 4.217.320 no dia 17 de agosto de 2020 e consta como aprovada.

¹⁴ A maioria dos participantes deram suas respostas em língua espanhola ou usaram parte em português e parte em espanhol. Os que deram as respostas em português apresentavam desvios de gramática ou de coesão, o que poderia dificultar a compreensão por parte do leitor. Por isso, traduzimos as respostas e fizemos pequenas adaptações que não interferem no conteúdo.

tinha muita gente, tem muita gente no meio que faz mal aqui. E, querendo ou não, tem aquele ditado, por um paga todos, esse ditado é mundial, e pior que é verdade. Porque pode ter 100 pessoas fazendo o bem, mas se uma faz mal, tem gente que vai dizer: "os venezuelanos são." Não vão falar: "aquele que fez mal", infelizmente é assim".

(Sander, entrevista, 2020)

“Sim, no início era isso, o preconceito era mais com falando “veneca¹⁵”, “mira”, essas coisas assim. E a gente ficava zangado. Eu me lembro de ter falado, "mas tu sabe o que é veneca?" Mas só foi uma vez realmente, e eles falaram "Não." É uma pessoa que é colombiana e venezuelana. Então, tu não pode falar isso pra mim. Os colombianos que foram morar na Venezuela e voltaram depois para a Colômbia, eles são chamados de veneca.".

(Carolina, entrevista, 2020)

“Sim. Já me disseram “eu não gosto de venezuelano, mas não é com você”, mas eu sinto que também é comigo”

(Emely, entrevistada, 2020)

“Minha cunhada estava trabalhando em um restaurante, e ela estava atendendo um brasileiro, e ele falou: ‘Você é venezuelana?’ e ela respondeu que ‘sim’. Então ele disse ‘Não quero ser atendido por você não’.

(Anny, entrevista, 2020)

A respostas de Sander, Carolina, Emely e Anny nos revelam suas opiniões em relação ao preconceito sofrido pelos imigrantes venezuelanos. Para Sander, a sociedade já se acostumou com a presença dos imigrantes e, como consequência, o preconceito diminuiu ou eles, os imigrantes, já não se incomodam mais com o preconceito sofrido. Carolina relata o preconceito demonstrado linguisticamente através de vocabulários que demonstram discriminação, usados frequentemente para se referirem aos imigrantes venezuelanos. E Emely nos mostra o preconceito direcionado à comunidade venezuelana, de forma geral, e que ela se sentiu ofendida devido ao sentimento de pertencimento, por fazer parte dessa comunidade, assim como Anny também passou por preconceito pelo simples fato de ter uma nacionalidade diferente da brasileira. Essas informações são relevantes para que se entenda o pano de fundo social desses sujeitos e para compreendermos que as identidades são construídas a partir da interação com o outro, ou seja, da sociedade e com o sujeito, e é fundamental na construção de identidades o reconhecimento do outro para se formar a própria identidade. Daí surge o conflito na sociedade, porque

¹⁵ Termo ofensivo e pejorativo para se referir a pessoas venezuelanas, utilizado na região da fronteira Brasil com Venezuela e no estado de Roraima.

atitudes preconceituosas e comportamentos que rejeitam, excluem ou difamam pessoas, baseados na percepção de que eles são estrangeiros, enfatizam a dificuldade de reconhecer o outro, o que prejudica a construção da própria identidade.

Durante as entrevistas, alguns participantes comentaram sobre os estereótipos presentes na sociedade relacionados ao imigrante venezuelano. O conceito de estereótipo é muito bem colocado por Simon (1976), quando diz:

O estereótipo é uma espécie de clichê mental coletivo, carregado de tradições, de saudosismo, de aspirações insatisfeitas que creem exprimir-se racionalmente em um julgamento de conjunto. Trata-se, contudo, de um julgamento irracional que não se funda sobre a totalidade dos fatos que podemos observar. (SIMON, 1976, p. 33)

Vemos esses rótulos e impressões criadas de maneira generalizada e preconceituosa na fala de Arianna, que expõe a questão da prostituição associada às mulheres venezuelanas, vejamos:

“Quando cheguei aqui alguns homens falavam comigo, e me tratavam de uma forma diferente, porque tem muita venezuelana que trabalha com seu corpo, e eles acreditam que todas também trabalham, e não é assim não”

(Arianna, entrevista, 2020)

A fala de Arianna expõe sua indignação referente à ligação de mulheres venezuelanas à prostituição, questão presente em nossa sociedade. Outro ponto apresentado em relação a estereótipo foi a associação dos imigrantes com pessoas de má índole. Observem a fala de Sander:

“No início vieram a maioria de imigrantes com formação, mas agora nessa leva chegaram de todo tipo. E tem homens maus, assim como tem os bons. E muita gente, ver o venezuelano como ruim”

(Sander, entrevistado, 2020)

Com a declaração de Sander, a respeito de pessoas mal-intencionadas no meio da sociedade roraimense, podemos observar mais um estereótipo que atinge a imagem dos imigrantes em nossa cidade. E visões como essa podem contribuir na formação da identidade desses sujeitos, pois, de acordo com Dubar (1997), identidade é resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais, ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro do meio que estão inseridos. Mas nem todas as respostas para a nossa pergunta foram negativas, vejamos:

“Nunca ninguém me maltratou, nem sofri xenofonia, fui bem recebida”
(Arianna, entrevistada, 2020)

“Não, graças a Deus que não, senão eu ficaria muito triste, muito mesmo”
(Evelin, entrevistada, 2020)

Nos trechos acima, podemos perceber que a sociedade roraimense tem um forte papel no processo de integração dos imigrantes venezuelanos. E esta análise nos ajuda entender a nós e ao outro, princípio este que corrobora para a construção da identidade. De acordo com essa visão, Hall (2006, p. 11) nos diz que “[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”.

5.2 O que determina quem eu sou?

Nesta seção, apresentamos as marcas identitárias que os sujeitos investigados carregam consigo. De início, sabemos que a imigração em si já é um grande marco na identidade do indivíduo, e por si só já poderá levá-lo a uma crise de identidade, pois ocasiona a perda de uma constância identitária, visto que há uma mudança do sujeito no mundo social e cultural e em si próprio. Os imigrantes são desafiados à adaptação, mudança e transição de vida em múltiplos aspectos. De acordo com Marques (2015, p. 22), os sujeitos que fazem parte do contexto de imigração vivem constantemente novas experiências “que pelo seu carácter e impacto nas suas vidas, são potenciadoras de valores e mudança. Não é novidade que tudo que vivemos faz de nós quem somos e que são as nossas experiências que nos permite agir, ser, pensar de determinado modo”.

Além da questão migratória, outros fatores ajudam na construção da identidade de um sujeito, entre eles a língua, a cultura, traços físicos e psicológicos, em suma, a identidade é construída dentro de uma comunidade, moldada pela língua e cultura, e envolve pessoas, lugares, situações. A construção da identidade pode acontecer de diversas maneiras, principalmente através da linguagem, dado que a língua expressa o comportamento social e é uma forma de identificação dos falantes e dos outros, ou seja, representa o mundo em que vivem e marca sua identidade social, é um meio de autoafirmação, representando quem você é.

Em um dos dias em que fomos em busca dos imigrantes que haviam cursado aulas de língua portuguesa no IFRR, nos deparamos com um casal, com o qual

entramos em contato e explicamos as intenções da pesquisa, de modo que prontamente eles marcaram um horário para nos receber. Quando chegamos ao endereço, percebemos que o casal fazia parte de um número bem pequeno de imigrantes venezuelanos que conseguiram uma estabilidade financeira melhor, em relação à maioria. Moravam em um condomínio muito bem organizado e de boa estrutura. Ao entrarmos no apartamento, fomos bem recebidas e constatamos que morava somente o casal com um cachorro. Durante a entrevista, o casal nos contou toda a sua história, de forma bem comunicativa, e conversamos por mais de uma hora. No decorrer da entrevista, Sander, que fala muito bem o português, afirmou o seguinte:

“Eu sou venezuelano. Eu sou um venezuelano que fala português. Eu posso até ser um venezuelano brasileiro, mas eu tenho minha identidade que eu nunca vou querer perder. Então, quando a gente chegou aqui, a gente se esforçou muito também para falar português, porque eles [boa-vistenses] queriam que a gente falasse português com o mesmo sotaque”.

(Sander, entrevistado, 2020)

Em seu relato, Sander afirma sua identidade venezuelana através da língua e se identifica com duas nacionalidades, **“posso até ser um venezuelano brasileiro”**, pelo fato de falar o português de forma extremamente parecida com um brasileiro nato. Por conseguinte, a língua representa quem somos e fica evidente o papel da língua na constituição do sujeito, como afirma Rajagopalan (1998), o sujeito se constrói na língua e por meio dela. Nesse caso, com Sander falando espanhol e português, ele deixa claro que quer ser identificado por sua identidade venezuelana, evidência de que os imigrantes estão dispostos e desejam se integrar, mas sem deixar de lado suas raízes. Quando perguntamos aos sujeitos investigados **“O que a língua espanhola representa para você?”**, vemos que as respostas mostram e declaram suas identidades através da língua, vejamos:

“Somos pessoas que representam a pátria”

(Javier, entrevista, 2020)

“Minha pátria, minha identidade”

(Sander, entrevista, 2020)

“É quase toda minha vida, porque é minha língua materna, com a qual eu cresci, com a qual eu me expesso melhor, eu posso dizer o que eu sinto, se estou com raiva, ou estou triste. É mais fácil para eu me expressar”

(Evelin, entrevista, 2020)

As declarações revelam que a língua espanhola representa aos imigrantes venezuelanos sua pátria, seu orgulho, sua essência, seu modo de expressão de forma profunda e quem realmente são, ou seja, suas identidades, e é o modo que os identifica. Mas a língua não é o único modo de identidade de um grupo. Ligada a ela estão algumas marcas que acompanham os indivíduos em situação de imigração, como a saudade de um país que dantes fora seu. Essa saudade, essa falta, é evidenciada em cada palavra quando perguntamos: “Do que mais você sente falta de seu país?”. Sobre esse assunto eles afirmam:

“Da minha cidade, onde eu nasci, porque é frio, tem neve. Aqui é muito quente”.

(Javier, entrevista, 2020)

“Da família, dos costumes, da comida, dos locais que a gente ainda queria conhecer”.

(Sander, entrevista, 2020)

“Ainda não me acostumei com a cultura daqui, sinto falta da comida, das músicas, o jeito de festejar algumas festas”

(Johanny, entrevista, 2020)

Os dados mostram que a maioria dos que deixaram seu país sente falta da família, dos amigos, do seu lar, de tudo que foi necessário abandonar em busca de uma vida melhor. No entanto, nos foi relatado que continuam mantendo contato por telefone e redes sociais, na esperança de um dia reencontrá-los e poderem viver juntos novamente, e que, apesar da saudade ser grande, não pensam em voltar nos próximos anos para a Venezuela, devido à falta de estrutura para sobreviver.

Além da saudade da família, vemos que foi mencionado nas respostas a falta que sentiam da comida, da moradia, dos costumes, das festas e de outros fatores ligados à cultura. Para aqueles que mudam de lugar, há sempre um forte sentimento de identificação com a cultura de origem, que é mantida através de crenças, língua, modo de viver ou, até mesmo, como já mencionamos, pela vontade de um dia retornar. Segundo Thompson (1995, p.175-176), quando analisamos a cultura, estamos entrando em um emaranhado de esferas carregadas de significado, “pois descrevemos ações e expressões significativas para os indivíduos que as produzem e, ainda, percebemos e interpretamos tais ações e expressões inseridas no curso diário da vida”. A cultura é um grande aspecto que ajuda na construção da identidade de um indivíduo, pois ela direciona a maior parte do comportamento, atitudes e o modo de viver de um falante de uma língua. E para analisarmos este aspecto presente na vida dos imigrantes venezuelanos que se encontram em Boa Vista, perguntamos: “Aqui no Brasil qual sua

diversão preferida? / Como você se diverte aqui na cidade?”. Vejamos algumas respostas:

“Comer churrasco, porque eu lá eu não comia carne vermelha. Assim, comia, mas não era aquele tanto. Não era costume. Numa confraternização da loja eles fizeram um churrasco, aí ficaram me olhando, eu fui e comi. Aí eu gostei. E desde esse momento eu gosto de churrasco”.

(Carolina, entrevista, 2020)

“Ir ao rio, piscina, água, porque venho de Mérida, um lugar frio, e aqui você sabe é muito calor, então a água é importante para mim. Ir a um rio ou piscina são os melhores momentos para mim”.

(Emely, entrevista, 2020)

Nesses trechos, percebemos que novos costumes são implementados na vida desses imigrantes. Carolina relata sobre a comida, que não era seu costume, ou seja, não fazia parte de sua cultura, comer churrasco, e ela passou a gostar. E Emely pontua sobre a importância que dá aos rios e piscinas, devido ao clima de sua cidade, que não é comum em sua região, e que aqui tem a oportunidade de fazer algo novo.

Esses e outros comportamentos cooperam na formação da identidade, já que a cultura traz a ideia de costumes e crenças dentro de uma comunidade, e a língua é a ferramenta usada para fazer a interação, de fazer esse indivíduo ser aceito e entendido por um grupo.

Quando falamos de marcas identitárias não podemos deixar de fora o modo de vestir, jeito de caminhar, de se apresentar. E esse aspecto também é analisado em nosso estudo, visto que ajuda nessa formação do indivíduo e em sua identificação. Para este ponto perguntamos aos nossos imigrantes: “Você nota nos brasileiros algum comportamento diferente do seu? Quais?”. De forma espontânea, acabaram fazendo uma comparação entre brasileiros e imigrante. Vejamos algumas respostas, segundo a perspectiva dos venezuelanos:

“Sim, desde a roupa, a forma de se vestir é diferente. o brasileiro gosta muito de andar de sandália, havaiana”. “A cultura de vocês é andar relaxado. É diferente, vocês se arrumam e colocam havaiana nos pés”. E nós gostamos muito de sapatos fechados”.

(Sander, entrevista, 2020)

“Vocês usam muito chinelo, short, bermuda”. E nós na rua saímos de tênis e calça, se vamos para o shopping não vemos ninguém de chinelo não”.

(Meyerlin, entrevista, 2020)

Os aspectos culturais de nossa sociedade estão presentes em nosso dia a dia e, por esse motivo, às vezes, não os notamos em nossas práticas, já que os temos como comportamentos naturais. Consoante afirma Brown (1994, p. 163), “cultura é o modo de vida, o contexto em que existimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos com os outros. É a ‘cola’ que une um grupo de pessoas”. Dentre as identificações mais citadas pelos informantes, está o modo de vestir, com bastante destaque. Esses são alguns traços identitários que ao identificarmos a nós mesmos, estamos também identificando o outro, como afirma Woodward (2000), que diz que toda identidade é marcada pela diferença e que a diferença é sustentada pela exclusão.

Essa e outras situações relatadas contribuem na constituição do sujeito, pois, de acordo com Ronsini (2007, p. 66), a identidade não é definida e nem completa, mas é formada pela nossa relação de contradições com os grupos, “a definição de um ‘nós’ implica no contraste com ‘outros’”.

Nesse sentido, concluímos esta seção compreendendo que todas as marcas identitárias apresentadas até o momento, como língua, fator migratório, ausência de familiares e amigos, inserido em um novo lugar com costumes diferentes, nova culinária, vestimenta, e comportamentos distintos, todas essas marcas identitárias cooperam na formação do indivíduo. Ou seja, nossa identidade está sempre em constante mudança e pode sofrer alterações, já que não é um produto acabado e definitivo.

6 Considerações finais

A identidade, desde o início, foi o ponto central desta pesquisa, porém dividindo igualmente espaço de destaque com a língua. Inicialmente porque foi pela língua espanhola que surgiu interesse de conhecer melhor as características desse sujeito. Em seguida, esse sujeito, na condição de imigrante, nos levou a investigar como se dá o processo de construção identitária dos alunos de PLE/PLAc e, ainda, como a aprendizagem de uma língua ajuda na integração desse imigrante na sociedade. E, por último, a língua é o alicerce na formação das identidades dos sujeitos investigados, pois esses indivíduos são construídos na língua e por meio dela, (RAJAGOPALAN, 1998).

O objetivo desta pesquisa nunca foi dizer qual é a identidade do imigrante venezuelano, até porque, como Hall (2005) salienta, ela não é um produto acabado, e sim um processo que está em andamento. Sendo assim, o propósito é compreender como ela é construída, dentro da realidade de indivíduos que participaram de cursos de língua portuguesa para estrangeiros.

O grupo de imigrantes venezuelanos analisados sugere que são sujeitos com identidades em construção, em um processo de instabilidades, desigualdades e conflitos, por serem imigrantes, num contexto de diáspora, vivendo em um lugar com língua e cultura diferentes dos seus. Ou seja, buscam através do aprendizado da língua a oportunidade de interação na sociedade.

Quanto ao processo de construção identitária, compreendemos que muitos são os fatores que ajudam nessa formação, e a língua é o principal meio constituinte do sujeito, já que ela é parte social da linguagem e a linguagem manifestação do comportamento social. Trazendo para o contexto de nossa pesquisa, podemos afirmar que o fator migração faz surgir novos sujeitos, devido à própria natureza do processo migratório, e que faz com que esses indivíduos são construídos e remoldados através da língua em contato.

Esses sujeitos tendem a viver em processos múltiplos de identificação, pois carregam traços de sua cultura original e, ao mesmo tempo, sua aceitação implica em renúncias, escolhas, mudanças. Aderir a uma nova cultura acolhedora, ao modo de vida e comportamentos alheios, traz alguns benefícios necessários como, condições de trabalho, estabilidade econômica, aceitação e integração, porém, às vezes, essa nova adesão requer renúncia de uma identidade anterior. E é nesse sentido que Hall (2005) afirma que o sujeito assume identidades diferentes no decorrer da vida, de acordo com contextos sociais, ou seja, as identidades sofrem mudanças. Por isso, a identidade é “instável, contraditória, [...] inacabada” (SILVA, 2000, p. 97).

Além disso, de acordo com as análises, foi possível constatar que alguns imigrantes sofreram preconceito por serem venezuelanos. Diante desse contexto, queremos deixar claro para a sociedade roraimense que é necessário primeiramente assumirmos uma postura diferente da adotada na era colonial, bem como retirarmos antigos pensamentos sobre as estruturas de poder transmitidas e construídas nesse cenário, por exemplo pensar que o “outro” é visto como inimigo, por não ter os mesmos hábitos cotidianos, sobre crer que a língua do outro é inferior por não ser igual a nossa, por achar que a cultura do outro é destituída de valor por ser diferente da qual fazemos parte. Esperamos que, após a conclusão desta pesquisa, esse trabalho contribua para a mudança e quem sabe assim possamos abolir esses tipos de pensamentos coloniais, que promovem as desigualdades sociais e perpetuam as estruturas de dominação social, de forma a dar lugar ao respeito ao outro, a sua cultura, a sua língua, sua essência, sua identidade, como é o caso da comunidade venezuelana que se encontra em nosso estado em busca de sobrevivência.

Diante do exposto, compreendemos que a língua, juntamente com os elementos culturais, e todas as situações e experiência de vida dos sujeitos participantes da pesquisa, são elementos que contribuem na construção identitária dos imigrantes venezuelanos que aqui vivem. Almejamos que os resultados desta pesquisa possam contribuir com estudos futuros acerca do tema desenvolvido.

Referências

ACHARD, P. “Um ideal monolíngue”, In: G. VERMES e J. BOUTET (orgs.), **Multilinguismo**. Tradução de Celene Meira et ali. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

ÁLVAREZ, M. L. O.; SANTOS, P. Aspectos culturais relevantes no ensino de português para falantes de espanhol: as expressões idiomáticas e a carga cultural compartilhada. In: **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Percília Santos – Maria Luisa Ortíz Álvarez (Org.) Campinas: Pontes Editores, 2010. p.191-225.

BARBOSA. Lúcia Maria Assunção; SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de S. A importância da língua na integração dos/as haitianos/as no Brasil. **PÉRIPILOS**. Revista de pesquisa sobre migrações, v. 01, p. 58-67, 2017b. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5875/5325 Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm. Acesso em: 05/04/2021.

_____. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 05/04/2021.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 3ª ed. New Jersey: Practice Hall Regents, 1994.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. 9 ed. V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CLYNE, M. **Inter-cultural communication at work: cultural values in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CORTES, K. E. **Are Refugees Different from Economic Immigrants ?** Some Empirical Evidence on the Heterogeneity of Immigrant Groups in the United States. n. 1063, 2004. Paper – The National Bureau of Economic Research. United States, 2004.

DALPIAN, L. A língua e o acesso à cultura. In: **Signos**. Ano XVII, n. 27, Lajeado: FATES/FECLAT, 1996. p. 49-54.

Dubar, C. Para uma teoria sociológica da identidade. In.: **A socialização**. Porto: Porto Editora, 1997.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

ESCARPINETE, M. L. A formação docente e o ensino de PLE. In: **Jornada Nacional do grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, 2012.

EUZEBIO, Umberto; REBOUÇAS, Eduardo M. e LOPES, Lorena P. S. Língua de acolhimento: demandas e perspectivas subjacentes ao conceito, e a prática pedagógica no contexto brasileiro. In: GUIMARAES, Décio Nascimento; ANDRE, Bianka Pires (org.). **Educação e diversidade: diálogo intercultural**. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Multicultural, 2018. p. 59-83.

FERREIRA, M. dos S. A.; AZEVEDO, I. C. M. Formação de professores de português como língua estrangeira: necessidades e desafios. In: **4º Congresso estadual da associação nacional pela formação de professores seção Sergipe**. Sergipe: GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas), 2016.

FONTES, S. M. Um lugar para a cultura. In: CUNHA, M. J.C & SANTOS, P. **Tópicos em português, língua estrangeira**. Brasília: UNB Editora, 2002. p. 175-181,

GROSSO, M. J. **Língua de acolhimento, língua de integração**. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n. 2, p. 61-77, Brasília, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IMIGRANTE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/imigrante/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

MARQUES, M. **A imigração e a língua de acolhimento em Portugal**: Questões de identidade e integração. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2015.

MIGRAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/migracao/#:~:text=Significado%20de%20Migra%C3%A7%C3%93es>

[A3o,de%20uma%20regi%C3%A3o%20para%20outra.&text=Etimologia%20\(origem%20d a%20palavra%20migra%C3%A7%C3%A3o,onis](#). Acesso em: 08 mar. 2021.

MIGRANTE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/migrante/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MOITA LOPES, L.P. da (org.) **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

OIM, **Glossário Sobre Migração–nº 22** Genebra, 2009. Disponível em: <http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 15/04/2021.

PENA, R. F. A. Imigrações atuais no Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/imigracoes-atuais-no-brasil.htm>. Acesso em: 06 fev. 2020.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 21-45.

ROCHA, N. A. O ensino de Português língua estrangeira no Brasil: ontem e hoje. **Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v.13, n.1, p.101-114, jan./abr.2019.

RONSINI, V. V. M. **Marcadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, R.K.C.D. **Construção identitária de imigrantes venezuelanos através do ensino de português como língua estrangeira em Boa Vista**. 2021. 118 f. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. Ed. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SENE, Lígia Soares. **Objetivos e materialidades do ensino de português como língua de acolhimento: um estudo de caso**. 2017. 206p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília. Disponível em: [http://C:/Users/rouse/Downloads/2017_L%C3%ADgiaSoaresSene%20\(1\).pdf](http://C:/Users/rouse/Downloads/2017_L%C3%ADgiaSoaresSene%20(1).pdf). Acesso em: 15 jul. 2021.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.73-102.

SIMON, S. **O caráter feminino**. Trad: Lígia Silava. São Paulo: Ed. Loyola, 1976.

SOUSA, L. M. de. **Sistema de refúgio no Brasil**: uma reflexão sobre as políticas públicas específicas para refugiados. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-graduação em Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SOUSA, R. Imigração venezuelana para o Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/imigracao-venezuelana-para-brasil.htm>. Acesso em: 06 jan. 2020.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. RJ: Vozes, 1995.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.7-72.



Portuguese as a foreign language - background role for the analysis of the identity construction of venezuelan immigrants

ABSTRACT:

With the crisis in Venezuela, thousands of Venezuelans migrated to other regions, including the state of Roraima. Thus, the search for learning the Portuguese language as a second language has grown. Faced with this situation, there is an interest to know this immigrant who leaves his country and makes total immersion in another language and another culture. Therefore, this article aims to understand how the PLE/PLAc teaching process contributes to the identity construction and integration of Venezuelan immigrants into Roraimense society. The study is focused on the three pillars that constitute the subject: language, culture and identity, in order to contribute to the understanding about important aspects that characterize the individual as a subject in society. This research is descriptive, with a qualitative approach of an ethnographic nature. A study was conducted through bibliographic research, in which concepts and ideas of authors such as Silva (2000), Woodward (2000), Hall (2005) and Escarpinete (2012) were used.

KEYWORDS:

PLE;
Immigrant;
Language;
Culture;
Identity.